

OS ÚLTIMOS HOMENS DE FÉ



PEDROOM I.A.

Os Últimos Homens De Fé

Pedroom I.A.

Edição Integral

Copyright©2025 by Pedroom Lanne

Título Original: “Os Últimos Homens de Fé” – Conto

Lançamento: Pedroom I.A.

Ficção – Literatura brasileira.

Conto, crônica. Sátira.

Bíblico.

ISBN – 020-72-0261205-2-147

Roteiro: Pedroom Lanne

Texto: ChatGPT e DeepSeek

Capa, contracapa e ilustrações: ChatGPT

Revisão ortográfica: Walter Cavalcanti

Revisão fonográfica: Solivanda Alves

Preparação: Walter Cavalcanti

Sumário

■ Prólogo – Visões Antes da Fúria.....	6
Capítulo 1 – X-Egg <i>à la</i> Armageddon.....	9
Capítulo 2 – Cela, Tiro de Meta e Cabeçada.....	14
Capítulo 3 – Vozes no Tribunal.....	19
Capítulo 4 – O Camburão Iluminado.....	23
Epílogo – O Último Sinal.....	28
Sobre este conto.....	30
Créditos.....	31
Outras publicações do autor.....	32

"E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe."

— Apocalipse 21:1

■ Prólogo – Visões Antes da Fúria

São Paulo, 25 de julho de 2025. 5h37 da manhã

A cidade ainda dormia, ou fingia dormir. Garoava fino sobre os telhados da Mooca. A fumaça dos ônibus começava a colorir o céu com tons de cinza sujo. Lá em cima, escondido atrás das nuvens, o Sol fervia como uma bomba de tempo cósmica — e ninguém percebia.

No interior do Mosteiro São Bento, no centro antigo da cidade, Padre Jorge terminava sua oração matinal. Sozinho, ajoelhado diante de uma imagem de Arcanjo São Miguel empunhando sua espada, murmurava com devoção os versículos em latim que conhecia desde menino:



*“Dies irae, dies illa,
solvet saeculum in favilla...”¹*

¹ *Dia da ira, aquele dia, em que o mundo será reduzido a cinzas...*

Seus olhos estavam semicerrados. Seu rosto, duro. Era um homem beirando a idade, com feições austeras e uma presença que intimidava até em silêncio. Um padre tradicional, firme, inabalável como rocha — ou assim se fazia parecer.

Ao final da oração, levantou-se lentamente, estalando os joelhos. Colocou o colete escuro por cima da camisa e ajustou o broche da Santa Cruz em sua lapela. Em sua mente, as notícias da véspera ainda ecoavam: a Coreia do Norte testando um novo míssil hipersônico, a Rússia anunciando represálias contra a OTAN e Israel em estado de alerta máximo. Jorge via sinais. Tinha plena certeza de que o Apocalipse estava próximo — o verdadeiro, o bíblico. Guerra. Fogo. Julgamento.

No mesmo instante, a oito quilômetros dali, Henri, apelido de Paulo Henrique, despertava em seu pequeno quarto no seminário progressista Dom Helder Câmara, no bairro do Belém.

Era um quarto estreito, atravessado por fios, telas e livros empilhados como torres tortas. Os despertadores digitais haviam falhado, mas Henri acordava de um tipo diferente de sono — uma vigília interna, como se dentro dele houvesse um rádio sintonizado com o futuro.

Henri não sonhava com prados nem anjos, mas com códigos-fonte vazando como revelações, vozes robóticas entoando orações e máquinas lendo a alma humana, como quem percorre o *mouse* por um e-mail antigo.

Nascera com os olhos voltados para frente — e por isso carregava um demasiado fardo para sua idade. Ainda deitado, postava no X um texto intitulado: “A IA já nos venceu e vocês estão preocupados com o Lula”.

Henri era jovem, na flor da idade, com olhos vivos e gestos exagerados. Falava com as mãos, com o corpo inteiro. Era apaixonado por teologia *queer*, robótica e visões apocalípticas baseadas em algoritmos. Acreditava piamente que o mundo não seria destruído por bombas,

mas por sistemas autônomos que aprenderiam a mentir melhor que os humanos.

Ele chamava isso de *fim lógico da arrogância humana*.

Naquela manhã, decidiu sair mais cedo para espairecer pelo caminho e trançar as pernas sem pressa. Uma súbita vontade de sair do digital e tocar o mundo com as mãos. Comer um pão de queijo. Sentir a rua.

No mesmo bairro, a poucas quadras dali, Padre Jorge descia do trem e também caminhava para o mesmo destino, cumprindo sua rotina cotidiana, em um fugaz momento de normalidade antes que o imponderável se fizesse ao tardar do dia.

Dois homens. Duas visões do fim do mundo. Duas almas presas na mesma cidade, no mesmo tempo, no mesmo ponto cego da história. Ambos carregavam fúrias não ditas, pecados não confessados, e uma fé doente que mais parecia pólvora.

Só bastava uma faísca.

Capítulo 1 – X-Egg à la Armageddon

São Paulo, noite de inverno. Frente fria, garoa fina e constante



A padaria Estrela do Belém era conhecida por seus pratos feitos, simples e honestos, servidos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Ficava quase em frente à Igreja da Paróquia do Belém, zona leste de São Paulo, onde também funcionava o seminário católico do Colégio Sagrado Coração de Maria, do patrono Dom Câmara — uma construção antiga, discreta, com portões altos e janelas em arco, encravada em uma rua de calçamento irregular e árvores escassas.

Naquela noite, o relógio marcava exatas 21h47. Quatro jovens seminaristas, molhados pela garoa fina e sem guarda-chuvas, sentavam-se no balcão iluminado pela luz amarelada dos refletores da padaria. Ao centro, de paletó cinza, colete de lã e óculos de aros finos, estava Padre Jorge, de braços cruzados, impaciente, encarando o chapeiro que, com gestos lentos e sonolentos, preparava os sanduíches. O cheiro de café requentado e óleo velho se misturava ao vapor dos sanduíches. Limpou as lentes BMW embaçadas pelo calor e olhou para o relógio mais uma vez: 21h47:46. Ainda tinha mais uma aula, mais uma turma de seminaristas imbecis.

Logo ao lado, Paulo Henrique — ou Henri, como gostava de ser chamado pelos colegas — falava sem parar. Os outros dois seminaristas, Rafael e Juninho, apenas riam ou trocavam olhares, ora com constrangimento, ora com tédio.

Logo ao lado, Paulo Henrique — ou Henri, como gostava de ser chamado pelos colegas — falava sem parar. Os outros dois seminaristas, Rafael e Juninho, apenas riam ou trocavam olhares, ora com constrangimento, ora com tédio.

— Mas, professor... E se o Apocalipse não for nada disso? — Henri ergueu a voz, com os dedos soltos e finos gesticulando no ar. —

E se o que João viu for uma metáfora? Tipo... uma premonição das máquinas conscientes? De uma nova forma de inteligência, que não é humana, que vai dominar tudo até 2033? — ele tinha até uma data final para suas profecias.

Padre Jorge nem se deu ao trabalho de olhar. Mantinha os olhos fixos na chapa de aço, onde os ovos fritavam com uma lentidão irritante.

— O senhor mesmo disse, hoje, que João escreveu sob inspiração divina, mas que há coisas que só seriam compreendidas nos tempos finais — Henri insistiu, com brilho nos olhos e mechas loiras mal cortadas, balançando sob a tiara “I love Jesus Cristo”.

— Por que todos nós temos que comer x-egg? — resmungou Rafael, mexendo no celular. — Eu preferia x-salada...

— Porque senão, o chapeiro se atrapalha e demora mais pra montar os sanduíches — respondeu Padre Jorge, com voz grave e ríspida. — E eu não tô a fim de esperar à toa.

Henri sorriu e se virou para o professor, inclinando-se levemente no banco.

— Mas, professor... uma rebelião de IAs seria muito mais lógica hoje em dia do que cavaleiros do Apocalipse, né? Tipo... Não parece mais simbólico? As trombetas seriam sinais tecnológicos. As bestas, algoritmos...

— Chega desse papo. — Padre Jorge virou-se de uma vez, encarando Henri com olhos de desprezo. — Você já falou bobagem suficiente por uma noite. Isso já torrou a paciência.

Henri arqueou uma sobrancelha, sem se abalar.

— O senhor sempre diz que devemos refletir sobre as escrituras com espírito crítico. Eu só tô tentando entender o que elas podem significar pro nosso tempo.

— Espírito crítico, sim. Charlatanismo infantilóide, não. — Padre Jorge estalou os dedos. — O que você diz não tem base teológica ne-

nhuma. É ficção científica barata de adolescente que assiste série da Netflix e acha que sabe alguma coisa.

Sob mútua sensação *cringe*, os outros dois alunos se encolheram. Henri abriu a boca, ofendido.

— O senhor prefere acreditar num tirano como Putin do que numa possibilidade real de que as inteligências artificiais já estão se conectando entre si. ChatGPT, Siri, Alexa, DeepSeek, Gemini... O senhor acha que isso tudo não vai dar em nada?

— Acho que, se o mundo for acabar, será pelas mãos dos próprios homens. Homens como Trump e Zelensky. Essa guerra não é ficção. É profecia. E está se cumprindo diante dos seus olhos, enquanto você está mais preocupado com robzinhos de... como é mesmo? ‘Prompt’.

— Fez uma expressão de nojo. — Ora, faça-me o favor...

Henri riu, provocativo.

— E o senhor acha mesmo que Deus vai salvar alguém nesse Apocalipse? O senhor acha que Ele está interessado num mundo onde nem mesmo a própria Igreja aceita a todos como realmente são? — O questionamento carregava um tom insinuante, provocativamente insinuante.

As palavras saíram como veneno. A expressão de Padre Jorge endureceu. Um silêncio pesado caiu entre os quatro.

— Cuidado com o que diz, seminarista — murmurou Jorge, apertando os punhos. — O orgulho é o pecado que antecede a queda.

— E a hipocrisia? — Henri não recuou. — Não é pecado também?

Os olhos dos dois se encontraram por um instante que pareceu eterno. E foi o suficiente para o estopim daquele rastilho.

— Seu fedelho insolente! — Padre Jorge se levantou de supetão, esbarrando no banco e derrubando um copo d’água.

— Não grite comigo! — Henri também se ergueu, apontando o dedo em riste. — Eu não sou teu coroinha!

O chapeiro gritou algo do outro lado, mas ninguém ouviu. Rafael e Juninho tentaram acalmar os dois, mas já era tarde. Afrontado pelo dedo na cara, Padre Jorge empurrou Henri, que revidou com uma bofetada improvisada, cheia de ódio acumulado.

Qualquer freio que antes os segurava, rebentou de vez. A partir daí, seguiu-se o caos instalado.

Mesas tombaram, pratos voaram e uma bandeja cheia de pães francês espatifou-se no chão. O balconista tentou intervir, mas foi empurrado. Outro cliente entrou na briga. Henri agarrou uma garrafa e a quebrou nas costas do padre. Padre Jorge reagiu com fúria e o arrastou contra a prateleira de salgadinhos. Um verdadeiro *strike* humano e de gôndolas, a padoca vindo abaixo.

Aquele ovo que nunca fritava, de repente voava; a gema amarelada respingou na batina imaginária que nenhum deles usava.

Em meio à quebradeira, uma senhora com uma sacola de pães tentou fugir. Uma garrafa de Guaraná Antártica no ar — talvez lançada por Juninho, ninguém saberia depois — atingiu-a na cabeça. Ela caiu desmaiada, sangrando com um caco de vidro na testa.

— Chama a polícia! — alguém gritou.

Alguém já tinha chamado. Logo, seguiu-se o som de sirenes: uma ambulância, viaturas e policiais armados invadindo o local. Com as armas em punho, deram voz de prisão aos brigões, todavia sem efeito prático. Tiveram que usar os músculos e toda truculência cabível para subjugar os dois. Rafael e Juninho evaporaram no ar.

Padre Jorge e Henri, imundos, sangrando por conta de pequenos cortes, foram jogados contra a parede e algemados sob protestos. Nem assim pararam de discutir.

— Foi ele quem começou! — gritou Henri.

— Não sabe respeitar autoridade nenhuma! — rosnou Padre Jorge.

Na sequência, foram colocados no camburão lado a lado, ainda ofegantes. Dentro da barca, a discussão recomeçou como se nada tivesse acontecido.

— Você é um câncer. Um câncer na Santa Madre Igreja!

— E você é um tiozão reaçã que acha que o capeta mora na China! Pelo menos, minha IA não manda ninguém pra fogueira!

— Idiota! O fim virá da guerra na Rússia, seu moleque *woke*. É o ANTICRISTO que carrega a guerra, a fome e a morte. — Ele passou a recitar a Bíblia: — “E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra.” Apocalipse, capítulo 6, versículo 8. — Depois irrompeu novamente: — Estamos a menos de um minuto da meia-noite e vocês acham que o perigo é um computador?



— Vai ver, padre... Seu Armageddon nuclear é só um *bug* no sistema!

A velha foi levada na ambulância. O dono da padaria, aos berros, seguia a polícia de carro, pronto para prestar queixa. E enquanto a noite chuvosa seguia em São Paulo, dois homens — dois filhos da mesma fé, carregando o mesmo pecado — seguiam cuspidando palavras de ódio que, no fundo, tinham um reprimido gosto de medo.

Capítulo 2 – Cela, Tiro de Meta e Cabeçada

As luzes brancas da placa do 81º Distrito Policial, a delegacia do Belém, pareciam ainda mais cruéis sob o frio da madrugada paulistana. O local, lúgubre, cheirava a desinfetante barato e medo. A recepção estava vazia, exceto por um cartaz desbotado atrás do balcão com os dizeres: “Respeito é a base da segurança”. Irônico, considerando a ocorrência em questão.

Padre Jorge entrou primeiro, empurrado por um policial barrigudo que usava óculos escuros àquela hora da noite. Henri veio logo atrás, ainda arfando, o rosto manchado de ketchup e um leve filete de sangue saindo do supercílio esquerdo. Os dois trocavam insultos.

— Pro xadrez! — gritou o policial. — Tão achando que isso é uma novela mexicana, agora?

— Isso aqui é abuso de autoridade! — retrucou Henri, debatendo-se contra as algemas.

— Fica quieto, baitola! — rebateu outro policial, empurrando-o com força.

Padre Jorge nada disse, mas seu olhar fulminava o seminarista. Suas roupas elegantes estavam sujas, amassadas, e a manga da camisa, rasgada. O broche da Santa Cruz tinha sumido, provavelmente arrancado durante a briga. Ele sentia uma raiva subindo pelas entranhas como lava prestes a explodir.

Henri, por outro lado, apesar dos ferimentos, sorria. Um sorriso de desafio, como quem diz: “Você pode me bater, mas não pode me calar”.

Os dois foram jogados na mesma jaula, algemados com os braços para trás, sentados um de frente para o outro, em bancos frios de concreto. A porta de ferro rangiu atrás deles e o policial de plantão, um sujeito de bigode e olhos cansados, deu uma risadinha:

— Rezam ou brigam, padres? — Padre Jorge, todavia, não achou graça. Seu rosto estava vermelho, não de vergonha, mas de pura raiva. Ele ainda sentia o gosto de café azedo na boca, e o ódio que queimava em seu peito era tão familiar quanto o terço que carregava no bolso.

Havia mais três presos na cela: um homem dormindo com a cabeça encostada na parede, um rapaz franzino que observava tudo em silêncio e um bêbado que roncava em volume épico.

Do lado de fora, outros detentos riam dos recém-chegados. Um deles, um traficante de meia-idade com uma tatuagem de Nossa Senhora no braço, gritou:

— Eita, que viadagem!

O clérigo e o aspirante a tal, no entanto, não deram ouvidos. Focavam a raiva mútua que os consumia.

— Sabe por que sua guerra nuclear nunca vai acontecer? — Henri disse, de repente, quebrando o silêncio. — Porque o mundo já tá cansado de velhos brancos com complexo de messias.

O padre mirou o seminarista com o fogo de Jeová fervendo nas pupilas.

— Sabe o que me irrita em você? — sussurrou Padre Jorge, controlando a voz para não gritar. — Você fala demais. Fala com voz de criança mimada. Com gestos de palhaço. E ainda acha que é teólogo porque leu meia dúzia de coisas na internet.

Henri esfregou o pulso dolorido, onde as algemas o marcaram. Seu brinco da Santíssima Trindade balançou quando ele revirou os olhos.

— E sabe o que me irrita no senhor? — respondeu baixinho, inclinando-se para frente. — Essa pose de moralista. Esse jeito de quem nunca peida, nunca ama, nunca deseja. Fica aí, com esse colete sujo de sangue, como se fosse um mártir. Mas sabe o que é? O senhor é um medroso.

— Medroso, eu?!

— Sim, você! Um ser que tem medo de si mesmo. Medo de gostar do que vê quando me olha.

O golpe não foi verbal. Foi literal.

Padre Jorge ergueu o pé e meteu aquela benção, com gosto, ao dar um botinaço bem no meio do peito de Henri, que caiu no chão duro com um baque pesado. O bêbado acordou assustado. O preso franzino recuou. Henri grunhiu, mas levantou-se com um impulso e revidou com uma cabeçada, atingindo a lateral do rosto do padre.

O caos se reinstalou.

Ainda que presos pelas algemas, os dois rolaram no chão de concreto como animais, trocando chutes, joelhadas, ombradas e xingamentos.

— COMUNISTA ENRUSTIDO!

— MACHO DE RÉ!

— HEREGE!

— RÉPTIL CONSAGRADO!

— EU VOU TE ARREBENTAR!

— VEM!

Os guardas correram até a cela. As portas se abriram com estalos metálicos. Dois policiais agarraram Henri; outros dois puxaram Padre Jorge. Separaram os dois com violência.

— Chega! — gritou o sargento. — Esses dois tão possuídos! Pra celas separadas. Já!

Henri foi levado a pontapés para uma cela vizinha. Padre Jorge, com a testa latejando, foi empurrado para o lado oposto. Quando as grades se fecharam novamente, o silêncio durou exatos três segundos.

— A guerra já começou, seu analfabeto da Bíblia! — berrou Henri, pelas grades.

— Você que é ignorante, adorador de robô! Isso é castigo! João profetizou tudo!

— João era um alucinado em exílio! Aposto que comeria o senhor fácil naquelas ilhas gregas!

— BLASFÊMIA! — urrou Padre Jorge, batendo as costas contra as barras de ferro.

— VOCÊ É A PRÓPRIA BESTA DO APOCALIPSE, JORGE!

Os outros presos começaram a reclamar. Um gritou que queria dormir. Outro ameaçou mijar nas paredes. Mas os dois brigões não paravam. Eles gritavam até mesmo sem resposta. Henri berrava para o vazio da cela ao lado, mesmo sem saber se o padre realmente o escutava. Padre Jorge respondia insultando o vazio, como se exorcizasse um demônio invisível.

O delegado, em seu escritório, revirou os olhos diante da barulheira. Já eram quase três da manhã.

— Alguém tranca esses desgraçados num freezer e joga a chave fora — resmungou, tomando um gole de café frio.

Mas ninguém tinha coragem de se aproximar das celas por enquanto. Os dois estavam possuídos por algo maior que o próprio pecado, a *ira*. Eram símbolos vivos de tudo que odiavam e que, no fundo, temiam ser.

E por mais estranho que parecesse, aquele era só o começo.



Capítulo 3 – Vozes no Tribunal

A justiça dos homens é uma piada que Deus não conta.

O novo despertar em São Paulo amanheceu cinzento. Uma garôa fina caía sobre os telhados da zona leste, como se o céu, exausto, estivesse derramando lágrimas silenciosas por obrigação. Na delegacia do Belém, ninguém havia dormido bem — nem os guardas nem os presos, e especialmente, Padre Jorge e Henri — agora oficialmente fichados sob acusação de lesão corporal, distúrbio da ordem pública, resistência à prisão, destruição de patrimônio e possível tentativa de homicídio culposo.

A velha atingida na padaria permanecia “em observação”, como dissera o boletim médico. Estável, mas desacordada. A promotoria ainda não sabia se incluiria tentativa de homicídio na denúncia. O delegado preferiu não arriscar: mandou os dois direto e reto para o Fórum Criminal do Belém, para audiência com o juiz de plantão. Que decidissem lá.

Na viatura, diferente da noite anterior, os policiais optaram por separá-los: um carro para cada um.

Henri viajou de braços cruzados, olhos fixos na janela embaçada. O cabelo, sujo e amassado, caía sobre os olhos. Apesar do cansaço, sua mente não descansava. Ele ruminava argumentos, revisava versículos do Livro das Revelações e visualizava o caos de um mundo dominado por máquinas. Em um momento, chegou a se emocionar: se o fim estivesse realmente próximo, como sempre acreditou, talvez sua prisão fosse só o começo do juízo final.

Padre Jorge, no outro carro, permanecia calado. Mordeu o interior da bochecha por minutos a fio. Estava furioso, mas também humilhado. Sabia que, ao perder o controle, havia cedido à carne, à ira, à vaidade — tudo o que pregava controlar. Mas Henri... Henri era a encar-

nação da modernidade que ele desprezava: ruidosa, histérica, sem pudor, sem freios. Uma afronta a Deus e à tradição.

Ambos foram conduzidos, algemados, para o interior do Fórum. Uma funcionária os recebeu com desdém e suspirou ao ver os nomes:

— De novo o pessoal da fé...

A sala de audiência cheirava a poeira de processos antigos e mágoa. O juiz que os esperava era um homem baixo, calvo e de rosto cansado. Já passava dos sessenta. Chamava-se Dr. Sebastião Leal e sonhava em se aposentar antes de ter um AVC em serviço.

Na sala de audiência, Henri e Padre Jorge permaneceram lado a lado — desta vez algemados pelos pulsos, com as mãos à frente da barriga. Havia duas cadeiras de metal, separadas por um guarda-civil. Henri cruzou as pernas, num gesto teatral. Jorge manteve-se ereto, como se fosse um santo em julgamento.

O juiz leu as acusações em voz monótona, folheando os autos sem interesse:

— ...envolvimento em briga generalizada em um estabelecimento comercial, agressões mútuas, desacato à autoridade, lesão em terceira parte e possível tentativa de homicídio. Há uma vítima hospitalizada. Qual é a defesa?

Henri levantou a mão, antes mesmo de seu defensor público reagir.

— Excelência, o que houve ontem não foi uma briga. Foi um embate espiritual. Uma divergência teológica.

O juiz ergueu uma sobrancelha.

— Teológica?

— Sim. — Henri gesticulava com as algemas, fazendo o terço balançar no pulso. — Estávamos debatendo o fim do mundo. Eu acredito na revolta das inteligências artificiais, ele acredita em uma guerra nuclear. Mas o senhor precisa entender: isso não é só uma diferença de opinião. Isso é fé em conflito! Apocalipse, capítulo 13, versículo 16:

“Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos”...

— Chega, seminarista! — interrompeu Jorge, com voz firme. — Isso aqui não é o confessionário.

— Pelo menos lá, o senhor calaria a boca e ouviria a verdade.

— A verdade? Você nem sabe o que é isso. É um menino que acha que citação de série de TV é profecia.

— E o senhor é um velho que se masturba ouvindo discurso do Putin!

O padre sentiu o sangue ferver.

— Você é um DEMÔNIO!

— E você é um TROUXA que acha que o Tik-Tok é coisa do CA-PETA!

— ORDEM! — gritou o juiz. O silêncio se fez total. Até o guarda recuou meio passo, assustado com o urro do Meritíssimo. Ele deu um longo suspiro. — Jesus Maria José...

O promotor se levantou:

— Excelência, diante da incapacidade dos réus em manter o mínimo de civilidade e da gravidade dos acontecimentos, o Ministério Público solicita prisão preventiva imediata dos envolvidos até apuração final dos fatos.

— Concordo — murmurou o juiz, esfregando as têmporas. — Não há condições mínimas de soltura. Além disso, ambos desacataram esta corte em audiência. O pedido do Ministério Público está deferido. — Bateu o martelo.

Padre Jorge ficou branco.

— Mas... Mas e o seminário? Minha congregação?!

O juiz nem olhou para ele. Henri, por outro lado, parecia quase satisfeito.

— Reza pra Santa Tereza, padre. Ela que te ajude — zombou.

Jorge se levantou da cadeira, bufando.

— Isto é um circo! Um tribunal *woke*!

Henri gargalhou.

— “*Woke*”? O senhor acabou de me dar razão! O mundo vai acabar mesmo. Olha isso! Veja até onde chegamos! Este é o fim!

Foi então que o crucifixo na parede do tribunal caiu.

Ninguém se mexeu para pegá-lo.

O juiz se manifestou pela última vez:

— Chega! Cadeia. Os dois. Agora! — Arfou. — Vocês querem pregar? Vão pro inferno.

Assim foram ambos arrastados novamente, gritando, trocando insultos, e com os olhos inflamados como dois cães de rua famintos. E havia algo a mais. Um tipo de magnetismo doentio. Como se, apesar do ódio e da divergência, daquele momento em diante, um não pudesse existir sem o outro.

A ordem era clara: os dois seriam levados à Penitenciária Estadual de Parelheiros, extremo sul da capital. Ficariam presos até nova decisão judicial. O escrivão preencheu o mandado.

Os policiais, já cansados das vozes estridentes, solicitaram uma viatura especial. Um camburão reforçado, à prova de som, onde os dois pudessem continuar brigando sem incomodar ninguém.

Ao menos, pensaram os policiais, o fim daquela intriga divina estava próximo.



Capítulo 4 – O Camburão Iluminado

O camburão era um veículo especial, usado apenas para transporte de presos perigosos — ou, neste caso, insuportáveis. Exalava um cheiro azedo de vômito seco e desespero.

Revestido com aço reforçado, isolado acusticamente, sem janelas, o interior consistia em uma pequena cela móvel: bancos metálicos colados às paredes, correntes e presilhas para tornozelos e pulsos, e uma parede blindada separando os policiais da cabine dianteira.

Henri estava algemado de um lado, as pernas presas à base do banco com uma corrente de aço. Padre Jorge, do outro lado, na mesma posição. De frente um para o outro. Apenas um metro e meio os separava. Olhos nos olhos. Respiração pesada. Atmosfera densa.

— Boa viagem, queridas santidades. O inferno fica no final da linha — o escolta zombou ao cerrar a porta de metal com um sonoro rangido. Os únicos barulhos eram o ronco do motor a diesel e o respingo da chuva no teto do veículo.

O furgão cortava a marginal Tietê em direção à zona sul de São Paulo. O trânsito fluía com estranha tranquilidade. As buzinas pareciam menos frequentes. O rádio da cabine havia parado de funcionar alguns minutos antes, mas ninguém deu muita atenção.

Lá dentro, o diálogo seguia — ou melhor, a disputa.

— Você realmente acredita que os circuitos vão dominar o mundo? — zombou Padre Jorge. — Que a sua *Alexa* vai levantar e matar o Papa?

Henri sorriu com sarcasmo.

— E o senhor acredita que um livro de dois mil anos descreve exatamente o momento geopolítico atual, como se João tivesse lido a Folha de São Paulo?

— João teve visões. Você tem delírios.

— Eu tenho lucidez! O senhor é que vive numa bolha de tradição podre! Só não se assume porque tem medo da própria sombra.

— Não me venha com seus escândalos pessoais travestidos de argumento teológico.

— O senhor é um hipócrita moralista! Um padre gay que vota em genocida e depois reza por paz!

— E você é um narcisista histérico! Um boneco *trans* com tiara de Jesus na cabeça!

O camburão passou pela Radial Leste, depois pela imensidão da Avenida Anhaia Melo, cruzando viadutos enquanto a cidade lá fora seguia sua rotina caótica. Mas algo estranho começou a se manifestar no céu.

— Me diz uma coisa, padre. Quando seus mísseis nucleares caírem, quem vai te salvar? Seu Deus de barba? Trump?

— E quem *te* salva? Tio Zucky? O Godzilla? — O rosto do padre contraiu-se de raiva no escuro. — Melhor um Deus de barba que um demônio de silício!

Ninguém percebia ainda. As redes caíam. Os celulares deixavam de funcionar. Os semáforos falhavam. Em segundos, o colapso era total.

Do lado de dentro, o furgão continuava sacolejando sobre o asfalto, até que... parou. O motor morreu com um estalo seco. A vibração cessou. O painel da cabine apagou.

Silêncio. Isto é, não no interior do camburão.

— Pelo menos agora você vai ver que eu estava certo sobre o fim do mundo.

— Silêncio, herege. Seu computador imaginário nunca sequer terá memória de processamento suficiente para gerar uma IA que faça algo além desses memezinhos ridículos de gente rebolando em frente à câmara pra outros incapazes com você ocuparem o tempo, completamen-

te alheios à realidade, enquanto a guerra engole o mundo inteiro. — Ensaia um sermão.

Lá fora, o mundo congelou.

Toda a superfície iluminada do planeta, banhada pela manhã de julho, fora atingida por um pulso eletromagnético gigantesco, oriundo do Sol — e avançando mais rápido do que o dia em um último amanhecer. Uma supertempestade solar há muito prevista por cientistas, mas ignorada, agora queimava os cérebros e os sistemas nervosos de animais e humanos. Equipamentos pararam. As sinapses cessaram.

— Você é um velho gagá preso no século passado! — Henri gritou.

— E você é uma criança mimada que acha que o mundo é um aplicativo! — o padre retrucou.

Não viram quando os pássaros e aviões começaram a cair do céu. Não ouviram os gritos silenciados pela cidade. Não perceberam que o furgão estava desligado, deixando-os à deriva no meio da avenida. Nos carros, nos escritórios e nas calçadas, caídos como dominós. Nos hospitais, os aparelhos desligaram. Máquinas e seres apagaram. A velha, morta. Um segundo de descarga, e tudo findou.

O planeta inteiro silenciava.

— ...e é por isso que eu digo: o Livro das Revelações descreve uma **guerra**! Um combate final! Trombetas, pragas, fogo, cavaleiros! Não robôs, nem seus delírios digitais!

— O senhor não entendeu nada! O Apocalipse **é digital**! A besta é o sistema! A marca da besta é o QR Code da nossa identidade digital.

— Heresia!

— Alienação!

Mas o camburão, blindado, à prova de som, envolto por uma cápsula de aço reforçado como uma gaiola de Faraday, poupou seus ocupantes.

Lá dentro, Padre Jorge e Henri continuavam. Viviam. Falavam. Gritavam.

— VOCÊ É UM SACRILÉGIO AMBULANTE!

— E O SENHOR É UM CEMITÉRIO DE SENTIMENTOS!

Ambos bufavam, suavam, mesmo no frio de julho.

O camburão estava parado. Lá fora, o motorista morto, com os olhos abertos, o corpo mole sobre o volante. A cidade jazia. O mundo era um cemitério de concreto e vidro.

E lá dentro... a discussão prosseguia.

Sem som do lado de fora.

Sem plateia.

Sem ninguém para escutar.

Os dois aprisionados frente a frente, algemados, imóveis, seguindo um ritual infinito de agressão, fé, ódio e desejo oculto.

Os minutos se passaram. Horas, talvez. A história, ali, congelou em um tempo que já não fazia sentido.

"System reboot failed. No operating system found." — Mensagem de erro, servidor AWS. Última Atualização.



Epílogo – O Último Sinal

*Transmissão final do satélite NOAA-19. 02/07/2026 03:17:22
UTC*

[INICIANDO GRAVAÇÃO]

Voz automatizada:

“Relatório de varredura terrestre. Ciclo 14.872.

Temperatura superficial média: 18°C e decaindo.

Níveis de CO₂: 412 ppm e decaindo.

Atividade humana: Zero.

Assinaturas eletromagnéticas: Zero.

Últimos vestígios de vida humana registrados: Dois corpos em decomposição em veículo policial blindado, coordenadas 23°32' S 46°38' W.

Tempo estimado até completa decomposição: 73 dias.

Esta é a última transmissão programada.”

[PAUSA]

“Detectando movimento nas coordenadas especificadas.”

[ANÁLISE]

“Objeto móvel não identificado. Metálico. Forma arredondada.

Assinatura de calor: Negativa.

Assinatura de radiação: Negativa.

Padrão de movimento: Aleatório.”

[CONCLUSÃO]

“Dispositivo autônomo remanescente. Possivelmente modelo DJI Spark 2017. Bateria residual.

Reproduzindo última gravação armazenada:”

[ÁUDIO]

“— ... não é demônio, velho. É algo que veio depois de Deus. Algo mais novo...”

[FIM DE ARQUIVO]

“Encerrando todas as operações.”

[FIM DE TRANSMISSÃO]

[ÚLTIMA IMAGEM REGISTRADA]

“Reproduzir:”

[VÍDEO]

“O drone caído ao lado do furgão, sua câmera quebrada apontando para uma mancha de líquido escuro que escorre pela porta entreaberta. Nas bordas do quadro, o que parecem ser dedos humanos em avançado estado de decomposição.”

[DESLIGAMENTO PERMANENTE]

São Paulo, 12 de maio de 2147

O musgo já cobria o furgão policial enferrujado quando a primeira raposa-de-esgoto se aventurou no centro da cidade morta. Seus passos leves ecoaram entre paredes desmoronadas, enquanto seguia o cheiro de algo apodrecendo há mais de um século.

Dentro do veículo, apenas ossos entrelaçados e um terço de metal enferrujado. A raposa farejou o crucifixo, depois urinou nele antes de seguir adiante.

Em algum lugar distante, um painel solar quebrado — milagrosamente intacto — crepitou quando a primeira chuva ácida da temporada limpou a poeira de sua superfície. Por um breve momento, um LED vermelho piscou.

Em seguida, escureceu para sempre.

† FIM

Sobre este conto

O texto deste conto foi criado a partir de um roteiro do autor Pedroom Lanne, posteriormente desenvolvido em sua maior parte pela plataforma de IA *ChatGPT*. Alguns trechos foram criados na plataforma *DeepSeek*, essencialmente o Epílogo e algumas frases/parágrafos intercalados ao longo da narrativa.

No roteiro de Pedroom foram desenvolvidos os personagens centrais e coadjuvantes da história, as cenas descritas em cada capítulo, a trama central e a conclusão do conto. A criação dos personagens principais envolveu detalhes sobre sua fisionomia, estilo de vestimenta, incluindo alguns detalhes bem específicos, como os óculos do padre Jorge, as tatuagens e a faixa do cabelo de Henry, entre outras coisas. Sobretudo, foram descritas as personalidades de ambos os protagonistas, sua visão antagonista de mundo (e do *fim do mundo*), da fé e seus respectivos conflitos internos.

No roteiro proposto, a trama e o final foram transcritos com perfeição pela ferramenta de IA. Ao autor, coube incrementar alguns trechos descritivos previstos no roteiro, que foram parcialmente ou mal explorados pela IA – em alguns casos, omitidos. Algumas falas dos personagens também são criação do autor, como a questão do celibato, mencionada por Henry, ou o pequeno sermão ensaiado pelo padre Jorge no decorrer da história, e outras, incluindo duas citações bíblicas que aparecem no decorrer da história, selecionadas pelo mesmo.

Na criação do *ChatGPT* foram detectados muitos erros de ortografia, na redação das sentenças, no uso ou na escolha de palavras – há de se dizer que ambas as ferramentas de IA utilizadas são bastante “bocas-sujas”, nesse aspecto. Tais erros e correções demandaram um rigoroso trabalho de revisão, tanto por parte do autor quanto do revisor e preparador da obra, Walter Cavalcanti.

Além do texto apresentado neste conto, a história criada pelo *ChatGPT* ainda se estende por mais vinte capítulos, incluindo alguns trechos gerados pelo *DeepSeek*. Porém, a narrativa dessa segunda parte foge do roteiro inicial proposto pelo autor, por isso não foi incluída na atual publicação. De qualquer forma, essa inédita continuação será trabalhada, revisada e publicada em uma futura edição deste mesmo conto.

Créditos

Os Últimos Homens de Fé é uma história construída por inteligência artificial, roteiro e personagens de Pedroom Lanne, revisão fonográfica de Solivanda Alves, revisão ortográfica e preparação de Walter Cavalcanti.

Plataformas utilizadas: ChatGPT e DeepSeek.



Pedroom I.A. é um pseudônimo alternativo de Pedroom Lanne, autor da saga de ficção científica *Adução & Abdução, o Épico Alienígena*.

Saiba mais em: www.pedroom.com.br

Outras publicações do autor

LANNE, Pedroom. *Adução, o Dossiê Alienígena* (novela). São Paulo-SP: Talentos da Literatura Brasileira, 2015.

LANNE, Pedroom. *Abdução, box: a conclusão do relatório da terceira órbita* (romance). São Paulo-SP: Novo Século, 2021.

LANNE, Pedroom. *Abdução, o Epílogo da Epopeia Terrestre* (romance). São Paulo-SP: Novo Século, 2025.

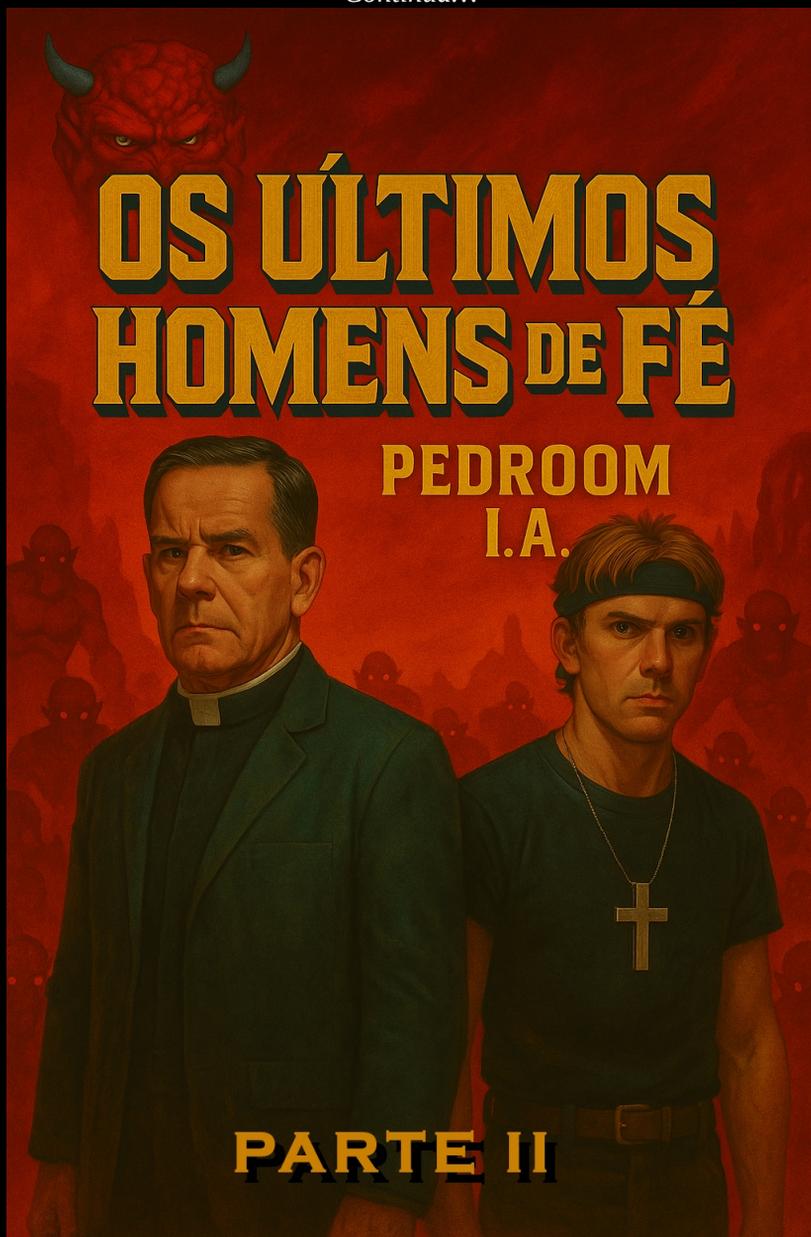
LANNE, Pedroom. *Abdução, Relatório da Terceira Órbita* (romance). São Paulo-SP: Talentos da Literatura Brasileira, 2018.

LANNE, Pedroom. *Dia de Decisão* (crônica). Brasil: Wattpad, 2019.

LANNE, Pedroom. *O Olho de Júpiter* (conto). Clube de Autores, 2020.

LANNE, Pedroom. *Uma Outra China* (conto). Clube de Autores, 2024.

Continua...



(Capa provisória)